



MUSEU DE ANTIGUIDADES ROMANAS EM CIRENCESTER.

No condado de Gloucester, cuja capital do mesmo nome era a antiga *Claudia Castra* está outra cidade de mais remota fundação, Cirencester, mais vulgarmente chamada Cicester, a *Durocorinium* dos latinos, junto do pequeno rio Churn, distante obra de cinco leguas de Gloucester, 12 a nordeste de Bristol, e perto de 30 quasi a oeste de Londres.

Ahi se tem descoberto muitas antiguidades romanas em diferentes epochas, e ultimamente um grande tracto de pavimento ou calçada, feito de obra como embutida, ou marchetada, e tal era o estado de boa conservação e a belleza e regularidade do trabalho que os antiquarios e curiosos, com protecção das autoridades erigiram expressamente um edificio que recolhesse este avultado specimen das soberbas e fastosas construcções romanas, antes que os estragos causados pelos homens e pelo tempo o deteriorasse e por fim destruisse.

Passa por certo que os carthaginezes foram os primeiros que fabricaram calçadas, e que d'elles tomaram os romanos o uso; o certo é, que ninguem as fez mais sumptuosas do que estes galgando com viaductos e pontes magnificas os obstaculos e interrupções que lhes oppunha o terreno. As suas vias militares, que partiam da praça onde estava assente, em postura exactamente relativa aos quatro ventos cardaes, a columna que era nomeada com o arrogante titulo de *embigo* ou centro do orbe, alcançavam até ás extremidades do imperio, e eram notaveis pela sua bella e solida construcção; a nossa península foi cortada d'estas sumptuosas estradas.

M.

O homem louco corre o mundo apoz a felicidade; o sabio a encontra dentro em si mesmo.

VOL. V.—3.ª SERIE.

DEVER OU CRIME.

I

No alto d'um outeiro que declinava da immensa altura da cordilheira de serras que atravessa Portugal, existia o antigo castello do senhor d'Athaidé.

Na vasta sala d'armas interrompeu-se o silencio. Era talvez noite ha mais de tres horas.

— Não ouviste o relajo do castello?

— Não. Murmurou baixinho um dos dois homens que estavam assentados junto do fogão que ardia com bom lume.

O que estava da direita era alto e robusto, tinha impresso no rosto um soffrimento profundo, era menos velho do que o seu companheiro — teria talvez cincoenta annos; — o lume do fogão resplandecia na sua armadura luzente, e os seus olhos fixos sempre, mas sempre sem attentar em um unico ponto, pareciam annunciar um pensamento sinistro.

O outro, opprimido e fraco, deixara cair a cabeça sobre o peito; estava completamente armado como o seu companheiro; tinha porém sobre a mesa o seu elmo bronzeado, o que permittia que se lhe vissem ondeando nos hombros as madeixas que os areas d'Africa tinham visto encanecer.

A luz brilhante e rapida dos relampagos penetrava pelas físgas das janellas do salão obscurecido, como para revelar áquelles homens isolados o immenso poder de Deus! Os eccos do trovão, como harpa santa, perdiam-se ao longe; o robusto cavalleiro respondia-lhe — vingança! e o pobre do velho — piedade e perdão!

D. Luiz tinha acompanhado el-rei D. Sebastião na encarniçada luta contra os infieis; tinha visto a

OCTUBRO 25, 1856

coroa portugueza tombar nas areias africanas, e embaciarse-lhe ali para sempre o brilho: porém não devera o outro cavalleiro ter soffrido menos, porque menos desventuras não tinha encontrado na vida; mas era hespanhol e altivo, e retinha no coração todas as lagrimas que d'elle pretendiam rebentar.

No rosto lia-se a serenidade da paz, mas nas veias pulava-lhe a altivez da sua raça.

Corria o anno de 1579.

E pouco tempo antes tinham as margens do Tejo visto com galeras rasgarem ousadas as aguas do rio, tinham visto a bandeira das quinas demandar, desfaldando-se ao vento, os mares africanos.

Que fizeste, neto do rei D. Manuel?

Fundiste nas praias da Lybia o povo e a nobreza lusitana!

Viste prostrados aos pés com monarchas do Oriente, adornaste a regia coroa das mais luzentes perolas dos indicos palmires; mas hoje tranzes-te de medo no sepulchro, escutando os brados d'agonia que solta em delirio o povo portuguez!

Os nossos loiros de mil combates foram queimados pelos raios ardentes da espada de Mohamet.

As nações que viu o passado de joelhos levantam-se sorrindo-te em face, cardeal rei.

Que fazem os teus povos?!

Da união nasce a força, e elles desunem-se.

D'um lado brada o povo pelo prior do Crato, do outro a força, levantando-se em nome da lei, escreve na espada do filho de Carlos V os seus direitos ao throno de D. Affonso o «Bravo», e entre as negras paredes do collegio de Jesus, alevantam-se os gritos sediciosos dos filhos de Loyola em nome da religião, bradando: — Portugal, Portugal para a Hespanha! A pobre e fraca voz do fraco rei perde-se na sua inutil peleja pela neta de D. Manuel.

Patria, o poder do destino prescreve-te a miseria; morre na luta, mas não sejas escrava!

Povo, chora o pendão erguido no passado, e que em Alcacer se perdera, mas quando o rei se esquecer que é rei deslembra também que nasceste povo!

E D. Luiz, encarando a patria perdida, sentira murebarem-se-lhe todas as flores da esperança.

— Meu Deus, dizia o velho cavalleiro, que me resta a mim na borda do sepulchro? Que mais pode amargar-me n'esta vida de tormentos? A patria cingida de grilhões, as flores da liberdade marchas e seccas, a vida da religião e da cruz tombada ao poder das meias luas! Além... (e queria o cavalleiro apontar as terras d'Africa) onde se blasphemava do nome de Christo, vi eu morrer banhado em sangue o meu querido, o meu unico filho; ouvi os clafins da batalha proclamarem a victoria dos inimigos da fé; encarei a fronte dos poucos soldados que restavam derramando lagrimas pelo rei que nunca mais deveriam ver. Ah! o que me resta pois? Nada. Mais desgraças não podem opprimir corações d'homens.

— Não podem?! bradou o guerreiro d'armadura luzente, como se pretendesse fulminar com seus olhares o velho que escutara. Não podem?!

E um sorriso d'uma certeza amarga, que retrata a duvida, lhe pairava nos labios.

— Porque motivo esse ardor?... que quereis dizer? exclamou D. Luiz.

— Escutae-me, meu amigo, disse D. Vasco, vós só conheceis Vasco Martins por um castelhanao que depoz aos pés do rei de Portugal a sua espada gloriosa e a sua coragem nunca abatida, para que tivesse ao menos o direito de ir militar em Alcacer-

Kibir contra os sectarios de Mafoma. Os acasos da guerra aproximaram-nos, as desgraças tornaram-nos amigos. D. Luiz... (e apertava oppresso pela dor mais viva a dextra do seu amigo dos combates) não podeis pensar quaes foram os tormentos que me levaram aos pés do monarcha?!

E D. Vasco lançava os seus guantes sobre a mesa, e apertava depois ao coração as mãos do pobre velho.

— Vós, interrompeu o cavalleiro, deveis a narração da vossa vida ao amigo dos perigos e trabalhos, dizia cordealmente o nobre ancião.

— Hoje, bradou D. Vasco, hoje que o cardeal D. Henrique firmou com o seu real sello a deshonra da minha familia, hoje que o destino me ordena um dever fatal, que as leis da honra me arrastavam até aos pés do rei a pedir-lhe a sentença infamante que hade... e que deve condemnar-me, hoje mesmo escutareis também a longa serie dos meus tormentos, e conhecereis, D. Luiz, se podem asyalar-se em peito de homem mais terriveis, mais fundas desditas do que as vossas.

O lume do fogão ia extinguir-se, e mal permittia a chamma duvidosa, que se visse a calva fronte de D. Luiz de Athaide, mostrando d'espaco a espaco a dor que transluzia no rosto abrasado de D. Vasco. O vento crescia, parecia aos cavalleiros que um braço omnipotente chamava ao abysmo o velho castello.

E D. Luiz tremia porque ali guardava os ossos de seus paes.

— Quando Deus me fez ver a luz do dia, começou o hespanhol, mal poderia pensar então na magoa, que o Senhor me queria ligar á vida. Lembram-me ainda como um sonho, as palavras de meu pae, quando orgulhoso me contava ao lar os heroicos feitos de Fernando, o Catholico, e deixava-se arrebatado pelos pensamentos elevados do amor da patria, suffocando então o que a elle só dera o Omnipotente como prova da sua coragem ou da sua fé: lembra-me como elle ennobrecia os loiros que lhe tinham também ornado victoriosamente a fronte! Ainda me recordo de lhe ouvir contar como os ultimos musulmanos que viveram n'esta terra derramaram a derradeira lagrima nos pavilhões d'Alhambra; como pela extrema vez nos muros de Granada o estandarte do propheta fluctuara nos ares; como emfim as mesquitas, livres da profanação, elevaram dos seus altares o incenso benéfico da fé, e como pela morte de Boabdil, que errara longamente no deserto, morreram também na peninsula as bandeiras das meias luas. Recordo-me, — e parecia que o velho evocava da campa as sombras do passado, — de ter visto o rival do duque de Valois depor no throno o seu manto real, trocando então a sua coroa d'imperador d'Allemanha, e de rei da Hespanha, pela cella do convento de S. Justo, e vejo ainda o seu filho valente sustentando a dignidade do sceptro que recebera como herança, e juntando-lhe talvez ainda... quem sabe? uma nova joia ao seu diadema.

Uma lagrima assomou aos olhos de D. Luiz!... Chorava como portuguez, vendo realisadas quasi as esperanças do castelhanao; parecendo-lhe já ver as garras dos leões hespanhoes empolgarem e destruir o pendão do rei conquistador, e parecendo-lhe ver também o neto de Joanna, — a Doida — fazendo estalar aos seus pés as couraças e os arnezes que tinham resplandecido ao sol d'Aljubarrota; e vendo o sceptro de Henrique — o Bastardo — acabrunhando os vencedores de Silves; e divisando o pobre povo portuguez acabar nas margens do Tejo, como nas

margens do Gaudalete, á voz de Julião, acabara o poderio dos godos.

E D. Vasco continuava sem attender aos movimentos do velho, e os copos da sua espada retiniam sobre o arnez.

— Sabe pois, meu amigo, proseguiu elle, que o nome illustre que eu recebi de cincoenta gerações, dava-me coragem para o transmittir intacto a quem de mim o herdasse; veio porém um sello fatal marcal-o para sempre com a infamia. Quando eu era moço acreditei a ventura toda minha, via diante de mim riqueza immensa como prognostico de ventura; e a mulher mais linda e mais nobre para quem sorriram as campinas andaluzas depoz em meus braços toda a candidez do seu amor; colhi em seus labios as rosas da mais pura affeição. Se fomos ligados antes pela mão d'um sacerdote, quiz Deus prender-nos por um mais poderoso laço: minha esposa ia ser mãe.

O relojó do castello dava n'este momento dez horas.

A chuva que batera na janella, junto á qual estava D. Vasco, despedaçara-lhe os vidros.

Do parapeito, onde se aninhava, subiu então para os ares, deixando morrer nos ouvidos dos cavalleiros seu pio rouco e sinistro, uma ave nocturna, agoireira sempre, e sempre prognostico d'um caso fatal.

Os cavalleiros voltaram o rosto e tremeram como nunca tinham voltado nem tremido nos campos de batalha.

— Meu Deus, este fogo é do ceo ou do inferno?! Este aviso é de Deus ou do demonio? Interrompeu o velho.

— Calae-vos, disse D. Vasco, são os adornos da historia que vos conto. Como vós, tambem Deus me deu um filho; como vós, lamento tambem a sua morte; e parava interdito como duvidando do que proferira; como vós não. . . vós pranteaes a sua morte no campo da peleja, coroadó de gloria, e eu choro a perda da sua honra e da minha, do meu nome, e do nome de meus avós.

E D. Vasco olhou em face o amigo, e um momento depois, sorrindo amargamente, perguntou-lhe:

— Em peito de homem podem caber maiores tormentos do que os que Deus mandou ao nobre portuguez?!

— Sim; é verdade, disse elle, a deshonra. . .

— Attendei, escutae, continuou o castelhano, o meu filho nasceu ao lado da minha grandeza, engolphou-se no oiro que herdara dos nossos avós; mas isto ainda era pouco; não podia saciar o seu desejo, quiz mais, não hesitou diante do crime!

Parecia que lhe morria no peito o coração não podendo supportar tão viva dor, mas continuava:

— A virgem que mais o amou na terra, deu-lhe elle em paga a deshonra, teceu-lhe a corda do despreso e da infamia; ainda não bastava, ao pobre do velho que lhe supplicava em lagrimas a reparação da honra da filha, respondeu-lhe primeiro com o egoismo sempre vil, e depois não tremou diante de crimes novos — matou-o!

A altivez do hespanhol succumbia ao peso da sua desdita, e D. Vasco apoiava a fronte no peito do seu illustre companheiro.

Alguns instantes olhou em roda temeroso de que alguém o escutasse, mas não viu ninguém.

Todavia um homem que ha um instante entrara, não perdeu um só movimento de D. Vasco.

II

O cavalleiro tomou pelo braço D. Luiz, e levou-o para junto do fogão; lançou mão d'uma das tenazes que se achavam ali e revolveu as cinzas que já começavam a perder o brilho, amortecendo-se-lhe o fogo; mostrou á luz do clarão avermelhado, que saíra, ao soldado de D. Sebastião um largo pergaminho de que pendiam as armas portuguezas.

— Vêde, olhae, dizia nas estorções da mais violenta magoa o filho do Gaudalete, vêde em que eu empreguei todo o meu poderio e valimento, em alcançar das mãos do monarcha em troca da minha vida, exposta por sua causa nas batalhas, esta sentença infamante em que está gravado o meu nome, este nome illustre que lustrara tantos heroes famosos.

D. Luiz não podia comprehender ainda. D. Vasco amarrotava entre as mãos o pergaminho, e sentia no coração revolver-se-lhe a mais tremenda angustia; e ainda que os olhos d'um heroe não devam derramar lagrimas, não podera, nem devera corar o valente cavalleiro por sentir que uma lagrima lhe sulcava as faces.

Mas D. Luiz foi como que tocado por um receio vago e terrivel, que não podia explicar a si mesmo; um brado lhe fugiu do intimo do peito, e exclamou:

— Não façaes tal, é vosso filho!

— Oh! calae-vos, meu amigo, — disse lentamente o desditoso a quem a dor quebrantara o animo, — a sociedade tem deveres que se não podem postergar. A sociedade é uma machina que se dirige ao infinito, aspira sem cessar a todos os progressos, assim da vida moral, como da materia; cada homem na terra é uma das molas indispensaveis para a consecução d'este fim universal, e quando alguma d'essas rodas ou pára ou retrograda, é dever arranca-la para que o mundo não caia no abysmo.

— É verdade! bradou uma voz que eccoou pelo castello, como eccoaram pelo mundo os brados santos do Christianismo; a qual veio despertar os cavalleiros, os trouxe de novo ao mundo, e que foi para elles como a trombeta do juizo final evocando o genero humano dos sepulchros em que dormir, para o alevantar no valle de tremenda justiça.

Um cavalleiro estava em pé no topo da sala d'armas, tinha a viseira calada, e um manto negro o envolvia até aos pés.

— É verdade! repetiu elle de novo.

— Quem sois? bradou D. Luiz.

D. Vasco tinha caído novamente sobre a cadeira, e parecia estranho ao que se passava.

— Quem sou? E quem erguesse a viseira do homem, que apparecera, divisaria em seus labios um sorriso amargo, e veria as lagrimas correndo-lhe em fio pelo rosto varonil. — Quem? Um cadaver que já se desprende de todos os laços da vida, que lhe parece antever já o braço de Deus a punil-o, e a sua justiça a fulminal-o! Fui louco... criminoso... perdão!

E caía de joelhos no logar em que estava, e não se cria digno de beijar a mão do cavalleiro a quem se dirigia. O soffrimento redobrava no peito de D. Vasco, mas não proferia uma palavra! O mancebo que chorava atirou fora o manto que o envolvia; não trazia nem armadura nem espada, só tinha de cavalleiro o seu elmo doirado, e no cinto lhe brilhava um punhal.

D. Vasco estremeceu, ouvindo a palavra — perdão!

Cobriu o rosto com as mãos, não se lhe ouviu nem um suspiro, ficou immovel como um tumulo. O recém-chegado continuou:

— Meu pae, meu pae, D. Luiz comprehendeu tudo então; perdoae-me que eu serei o sepulchro da minha deshonra. Vivi como um fraco, morrerei como um covarde!

E D. Vasco, que não acertava em que fazer, e interdito permanecia em silencio, não pôde prever que n'um instante, veloz como o pensamento, aquelle homem fizera desaparecer no peito o ferro que lhe armara o lado.

— Perdoae-me, que o peço salva? disse elle, e caiu sobre o pavimento.

— Ah! bradou D. Vasco, indo a elle e pondo-lhe a mão no coração. Morto! Meu Deus, seria um crime ou um dever?

— Olhae, vede, era o meu filho! disse elle a D. Luiz, que recuou como ferido d'um raio, e proseguiu ainda:

— Foi tão criminosa a vida d'este malaventurado que o crime do suicidio é talvez a mais bella acção da sua vida!

Pouco tempo depois, os sinos dobravam pela alma do filho de D. Vasco, que morreu de repente.

Alguns mezes teriam passado quando um funebre e esplendido cortejo acompanhou ao jazigo um bravo que morrera.

Era D. Vasco, um dos mais illustres e nobres hespanhoes, uma das corôas de gloria dos guerreiros da Peninsula.

Março de 1851.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXVI

Do ser d'esta cidade de Angra.

Esta cidade de Angra é muito alegre, tem uma ribeira muito formosa, que atravessa pelo meio, tem onze moinhos acima d'ella: ao longo d'elles em um alto da cidade um castello antigo. A compridão da cidade desd'as portas de Santa Catherina té ás portas de S. Bento, que é muralha antiga, tem perto de meia legua. Edificios, muitas casas, muito grandes e sumptuosas, muitos conventos de religiosos, grandes templos. A sé, das maiores egrejas que ha em Portugal. Esta cidade está fronteira ao longo do mar, é toda murada, e se fecha com portas, pelos muros, muito fortes. Tem ruas muito largas, por dentro da cidade grandes pomares, ao longo d'ella muitas vinhas e muitas hortas. Tem agora novamente o castello de S. Philippe, no monte do Brazil, muito grande, que é o melhor que ha em Portugal. E muito mais se pôde dizer da bondade d'ella, e tem muitos chafarizes de frescas aguas.

XXVII

Do que aconteceu quando se fazia o forte de Santo Antonio.

Estando Ciprião de Figueiredo, Corregedor, que já se chamava Governador, com alguma gente, e com

o capitão do forte, que era Baltazar Gonçalves d'Antona, e officiaes de justiça, chegou da ilha de S. Miguel um barco, com alguma gente d'esta ilha, e como o ditto Ciprião de Figueiredo, e o povo, e outros da opinião do senhor D. Antonio estavam apaixonados contra a gente de S. Miguel, por se entregarem sem fazerem d'esta ilha por ser cabeça caso; e aborreciam a gente de S. Miguel; e logo o ditto Ciprião de Figueiredo começou a perguntar ao mestre e senhorio do barco, como se haviam e houveram os moradores da ilha de S. Miguel com o Governador Ambrozio de Aguiar, e o Corregedor Jorge de Barros? Dice que muito bem, e que lhe fizeram muita festa, e que estava a ilha com elles contente, e que eram bem quistos, e que o ditto Ambrozio de Aguiar tinha a esse Ciprião de Figueiredo publicado com pregões pela cidade de Ponta-delgada, e Braz Nogueira seu escrivão, e a outros, por traidores e rebeldes a Sua Magestade. Ouvindo isto o ditto Ciprião de Figueiredo, dice ao arrais do barco. *Dizei o que vos mando, para que o vades contar a Ambrozio de Aguiar: e fosse preegoeiro, o que elle não queria fazer; mas, reccioso do que se lhe podia fazer e seguir, o fez constrangidamente, dizendo: O Governador Ciprião de Figueiredo de Vasconcellos manda que se publique Ambrozio de Aguiar por traidor, por ser contra seu rei natural, e seus bens confiscados para a coroa; e assim o Corregedor Jorge de Barros e outros muitos moradores na ilha de S. Miguel. E os fez apregoar pela maneira sobreditta, cada um nomeado por seus nomes, e lhe dice outras cousas muitas, e mal soantes, e não se duvida, nem eu o duvido, o ditto Braz Nogueira dar-lhe todas estas traças, e outras, porque o ditto Ciprião de Figueiredo não era muito sagaz, e era regido pelo ditto Braz Nogueira, e elle o mettia em muitas cousas, e não quiz deixar desembarcar nenhuma pessoa, e os tornou a mandar que se fossem logo, e tornaram a levar os passageiros.*

Continua.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Continuação.

Abdelrahman-Ben-Mohamad-Abulmothreph. —

Arabe de Toledo, que nasceu no anno 996 e morreu em 1074, tendo escripto de agricultura e acerca dos medicamentos simples.

Al-Jatib-Abu-Omar-Aben-Hajaj. — Arabe hespanhol, que escreveu em 1073 uma obra de agricultura citada por Ebu el Awam.

Abu-Abdalah-Mahomed-Ebu-Ibraim-Ebu el Jasel. — Arabe sevilhano, que floreceu no seculo XII, e é citado por Ebu el Awam como escriptor de agricultura.

Abu el Jair. — Arabe sevilhano, que escreveu de agricultura segundo Ebu el Awam.

Mohamad-Ben-Kazam. — Arabe hespanhol, que Ebu el Awam cita como escriptor de agricultura.

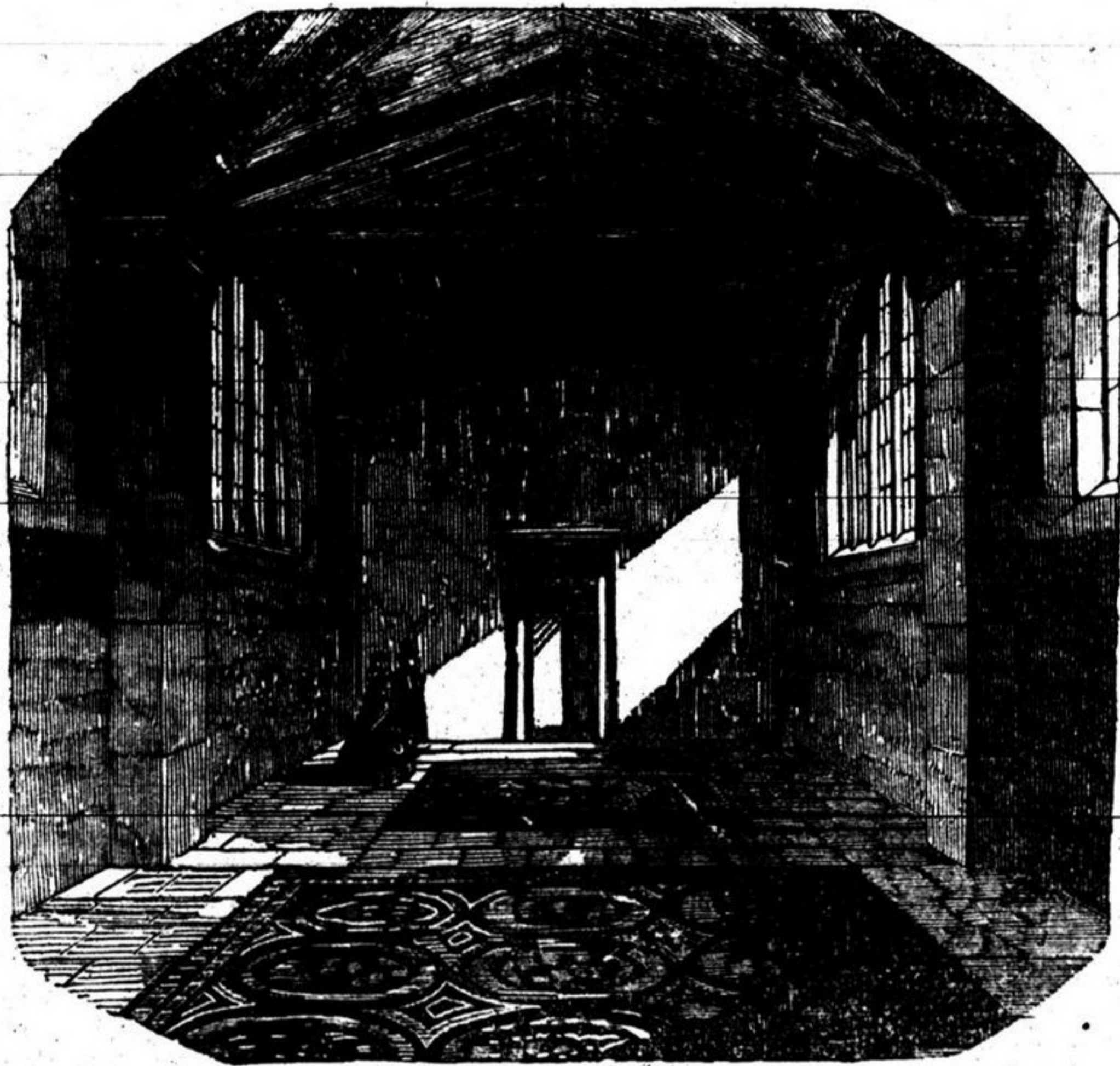
Ben-Chotaiba. — Arabe granadino, que escreveu de agricultura em 1117, e é citado por Ebu el Awam.

Aben-Naser. — Arabe cordovez, que escreveu de agricultura, segundo Ebu el Awam.

Azib-Ben-Saaid. — Arabe cordovez, que escreveu de agricultura, e é citado por Ebu el Awam.

Alhagi-Almd. — Arabe granadino, que escreveu de agricultura, segundo Ebu el Awam, tendo morrido no anno de 1158.

Continua.



PAVIMENTO ROMANO MARCHETADO.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A. A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

V

A tarde d'esse dia chegou, e Carlos dirigiu-se a casa d'ella. Beatriz esperava-o na varanda; recebeu-o só na sala, e sentou-se no sophá ao pé d'elle com a mesma liberdade e confiança do que se fosse sua irmã. Que tinha de facto a recear aquelle anjo, a não ser que fosse um malvado-homem que tivesse junto a si. A tia appareceu no fim de algum tempo, e tratou Carlos como um amigo já intimo da sua casa. A impaciente alegria da creança não é superior á que Beatriz experimentava. Quando caiu a noite chegou-se ao piano e soltou a voz admiravel; Carlos comprehendia a existencia do paraizo revelada pelo amor d'essa mulher. O mundo não existia para elle fora do ninho onde se abrigava aquella pomba do ceo. O passado havia-se-lhe varrido da memoria, e os desejos do porvir não existiam para elle, absorto como estava nas emoções divinas do presente. Ai da hora em que o futuro rasgasse o veo que occultava a realidade! Estaria longe ainda? Poderia ou não o acaso, o tempo, resolver esse tremendo problema da sua vida? Quem sabe? talvez; e um clarão de esperança, uma illusão lisonjeira vinha afagal-o nos instantes em que a razão lhe deixava ver claramente as coisas. Ha muita gente a quem succede o mesmo, sobre tudo aos infelizes que tiveram a desgraça de nascer

com uma pouca mais de sensibilidade na alma, e de viveza na imaginação. Ella é que via tudo com prodigiosa lucidez, e apesar d'isso nem uma nuvem carregava a serena felicidade que transparecia no seu rosto.

A expressão de contentamento era a mesma, sim; a alma isenta de magoas parecia brilhar nos olhos; mas a vida? o carmin dos labios, o rubor das faces desvanecia-se gradualmente!

Era a rosa cujo tronco estalou subita refrega, e que apenas desabrochada, na força do seu perfume, noviço da sua formosura esplendida, tem de acabar quando os raios brilhantes do sol, o canto alegre das aves, o doce fremito da aragem, a vida, as illusões emfim, vem saudal-a.

Os olhos anciosos de Carlos anteviam em cada symptoma a catastrophe que devia pôr termo ás unicas e tão rapidas alegrias da sua vida.

Algumas palavras que Beatriz deixava cair ao acaso acendiam a luz da realidade fatal no seu coração illudido até ali pelos sonhos de enganadoras esperanças.

Então uma vida de continuos sobresaltos, de constantes amarguras começou para elle.

Uma tarde o sol mergulhava-se nas aguas, e as nuvens caprichosas do firmamento matisavam-se de cores melancolicas. Beatriz estava ao pé d'elle. O azulado das palpebras, a pallidez das faces, a morbida expressão dos olhos, denunciavam uma causa occulta de enfermidade grave.

— Beatriz, disse elle reprimindo a impressão violenta; tu soffres, minha vida; em tão poucos dias tens feito uma differença incrível; é preciso que o medico venha ver-te amanhã.

—O medico? e o que pode elle fazer?

—Restabelecer-te em breve, prevenir a tempo uma indisposição, que despresada talvez seja fatal.

—Temos ainda mais de um mez diante de nós; depois...

—Depois, querida, pode ser já tarde.

—Depois, tu vaes-te, e eu continuo a ver-te d'ali, proseguiu ella fitando os olhos no ceo, onde as estrelas começavam a acender-se.

Carlos estremeceu como se a ponta de um punhal o tivesse ferido no coração.

Ella corou excessivamente, levôu ambas as mãos á frente, e disse como se fallasse consigo mesma:

—É preciso, devo fazel-o, mas não tenho força, meu Deus! e as lagrimas ou antes o soluçar violento cortaram-lhe completamente a voz.

Era a primeira vez que um accesso de dôr insofrida rebentava de seus labios. O anjo succumbia n'esse instante ás amarguras humanas.

Tambem Christo no momento do sacrificio pediu a Deus que passasse rapido aquelle calis.

O mancebo caiu como fulminado. Em presença da dôr do amante, Beatriz acordou em todo o sublime da sua heroica abnegação.

A luz do crepusculo começava a confundir-se com os clarões pallidos e melancolicos da lua que despontava no horisonte. Ao reflexo suave do astro da noite a donzella, com os olhos orvalhados de lagrimas, as faces desmaiadas, e o sorriso da resignação nos labios, parecia a imagem do soffrimento, a estatua da dôr, porém da dôr paciente como a das santas que apparecem nas poeticas legendas de certos livros.

—Porque soffres tu, porque empallideceste d'esse modo? não sabes que te pertenco inteira, que não ha poder que nos separe um do outro?! O que é da terra acaba em breve, mas o sopro que Deus poz nas nossas almas não se extingue jámais, e o meu amor vem da mesma essencia, é immortal como elle. Um dia saberás tudo; o que me pesa é que tu não possas comprehender o que eu comprehendo, ver o que eu vejo; dizia ella continuando a fitar o ceo como se uma estrella mysteriosa lhe indicasse outros mundos, e lhe revelasse os segredos de uma nova existencia.

Na exaltação do affecto a mulher eleva-se ás vezes onde o entendimento do homem não chega; afasta-se da terra, e deixando o que é fragil e vulgar na obra da creatura, converte-se n'um ser divino. O homem, o melhor, no instante mesmo em que a paixão mais sincera o engrandece, não é capaz de tanto.

Carlos seria capaz de dar cem vezes a vida por ella, reduzir-se á miseria, commetter um crime até, porém entregal-a nos braços de outro homem e dizer-lhe: «vae ser sua esposa» jámais.

É porque elle, como todos, não podia comprehender a idealidade sublime do amor que pertence exclusivamente ao mundo do espirito.

Beatriz deitou-lhe os braços á roda do pescoço; o mancebo comprimiu-a contra o peito; e pela primeira vez os labios de ambos se uniram n'um beijo devorador, e ardente.

No dia seguinte Carlos recebeu esta carta de Beatriz; carta, que deve explicar toda a extensão do sacrificio a que se votara a desventurada menina.

«Junho de 18...

«O medico esteve aqui, meu Carlos, e ordenou que partissemos immediatamente para o campo; depois foi fallar em segredo com minha tia, não sei o que lhe disse, mas sei, coitada, que a affligiu, por-

que tinha os olhos inchados e vermelhos de chorar.

«Pobre amiga!

«Carlos, meu Carlos! de joelhos, por Deus, por tua mãe, por ella e por mim te peço perdão n'este instante. Eu não posso durar senão mais algumas semanas: a morte é inevitavel. Sei o dia preciso em que heide morrer, a hora, e o momento. Presenti-o no instante em que te vi pela primeira vez. Soube-o com certeza n'esse dia (ha tão poucos ainda!) e n'essa noite, a mais feliz da minha vida, em que o nosso amor se revelou. Ninguém me disse que estavas para casar, fui eu que adivinhei tudo. Sabia que era um anjo de formosura e bondade a mulher que devia pertencer-te, e tinha a certeza tambem de que a não amavas.

«Já vês que não podia ter ciumes de um coração que me não roubava a minima porção do affecto que eu queria que fosse exclusivamente meu. Já vês que não havia sacrificio da minha parte, visto que o egoismo estava satisfeito.

«Agora ouve: A voz que me disse no intimo da alma «Este é o unico homem que tu hasde amar» foi a mesma que me revelou tudo; a tua historia, e a minha. Vi então que podia ter dois mezes, o tempo que te demorasses em Lisboa, de completa e indisivel felicidade. Depois d'elles a minha vida o que seria, senão um insuperavel obstaculo ao bem do teu futuro, ao cumprimento dos teus deveres, á tranquillidade da tua consciencia?!

«Em quanto o meu amor não fosse perturbar a existencia dos entes que te pertencem pelos laços das affeições mais caras, Deus devia abençoal-o do ceo, porque era uma coisa inoffensiva e santa; desde o momento em que ousasse ferir a sensibilidade de duas almas virtuosas e innocentes, tornava-se um crime imperdoavel. Lembra-te quando te disse que me achava com força para supportar tudo, menos o peso dos remorsos? É verdade, Carlos, não a tenho.

«Em setembro d'este anno (tu não m'o disseste, mas eu sei-o) devia ter logar o casamento. Retardal-o não seria dar mais alguns dias de lagrimas e anciedade ao anjo que te acompanhou desde a infancia, e que espera anhelante pelo momento de ver realisadas os seus mais bellos sonhos, as suas mais queridas e lisonjeiras esperanças? Se a Providencia, por piedade, por commiseração, me não levasse da terra, sei eu se teria ciumes d'ella? Se, nos desvarios do meu querer insensato, cegaria a ponto de procurar roubar-a dos teus braços e despenhar-te comigo n'uma vida de pungentes remorsos e constantes sobresaltos! Não vou continuar a ver-te, a seguir-te em espirito, a ser tua do mesmo modo? Não sinto que o teu coração se hade conservar constante á memoria do meu affecto? Não seria bastante esta certeza para satisfazer a ambição mais exagerada? A saudade da minha ausencia, porque tu vaes deixar de ver-me, diz, não será mitigada quando tiveres a convicção que sou feliz, porque Deus perdoa áquelles que erraram pelos desvarios do coração, mas que souberam purificar a culpa nas amarguras do sacrificio? Responde, meu pobre Carlos, o que seria o meu amor se te houvesse levado a commetter crimes e misérias? Não haveria uma hora na tua vida, quando mesmo me apertasses com extremo nos braços, em que a consciencia te dissesse que eu era indigna de ti?

«E que felicidade podia ser a nossa, nascendo das magoas de uma innocente trahida, e tendo origem nas lagrimas do mais santo de todos os affectos, o affecto de mãe?!

«Sabes que sobre a pedra do meu tumulo não pesam as maldições de ninguem; dize, querido da minha alma, não fará que tu vás com mão segura, com a benção nos labios depor sobre elle a corôa de saudades?»

«Durante os breves dias que vivemos juntos, não fui tua como poderia sel-o de um irmão extremo? Não te deixo a minha imagem? não podes ser feliz com ella? A morte ou a vida! morre porventura o espirito? E pertenci-te eu jámais de outro modo?»

«Tu vaes separar-te para algumas leguas de distancia; vaes levar a felicidade a uma pomba que te estremece, realisar os desejos puros e ardentes de tua mãe; eu separo-me tambem, levo comigo a tua imagem como unica recordação querida da terra. Depois não me tens durante estes dias para te consolar, e não te ficam no mundo esses dois entes em cujo seio deves encontrar ternura e amor eguaes aos meus? Agora perdôa a illusão em que te mantive algumas horas. Quiz ao menos provar a felicidade que pôdia ser mais duradoira se o destino me houvesse sido mais propicio.

«Este egoismo, se assim se lhe pode chamar, é toda a minha culpa, culpa que se vae punir com a morte, e sobretudo com a saudade de me separar de ti.»

Carlos depois da leitura d'esta carta não teve força de soltar um suspiro, nem de derramar uma lagrima.

Ha instantes assim; quando uma dôr tremenda nos colhe de subito, paralyam-se todas as faculdades do sentimento durante algumas horas, até que a explosão rebente.

O mancebo conservou-se pois n'esse estado, que é semelhante ao da natureza no espaço de tempo que precede as tempestades terriveis. Pallido como um cadaver, os olhos amortecidos, os labios entre abertos, a respiração oppressa. Mais alguns minutos em que a dôr se não expandisse em lagrimas e teria deixado de existir.

Essas chegaram finalmente. Era o momento de exclamar como Eurico:

«Que fôra a vida se n'ella não houvesse lagrimas!»

Decorreram os dias, e chegou aquella tarde em que encontrámos Carlos.

Beatriz estava proxima do termo fatal.

Deve lembrar-se o leitor que acompanhámos o nosso particular amigo até Bemfica, que nos apeámos á entrada de uma azinhaga na intenção de seguirmos os dois para casa d'ella.

A minha boa estrella tinha-me reservado esta scena, que é das mais afflictivas a que tenho assistido.

Chegámos á porta. Carlos fôra mudando de côr proporcionalmente, e no momento de tocar á campainha o suor frio e conglobado em grossas bagas alagava-lhe a frente.

Subimos. Um criado apontou para o jardim, e Carlos fez-me signal que o seguisse.

Beatriz estava ali, no seu logar habitual debaixo de uma especie de caramanchão vestido de arbustos viçosos e floridos. Assim que viu Carlos fez um esforço como para erguer-se, mas tornou a cair desfallecida. O mancebo correu a ella, e tomou-lhe ambas as mãos. Beatriz, reconhecendo-me, pediu-me por um aceno amigavel que me aproximasse.

— Fez bem em o vir acompanhar; disse ella, pegando-me affectuosamente na mão.

Eu estremecei alhando-a, não porque a morte se manifestasse n'aquelle rosto em toda a sua pompa

funebre, mas porque havia n'elle uma expressão indefinivel.

Era o lyrio sacudido pelo vendaval, e tombado no chão; era o ultimo clarão do sol desmaiando nas veigas; era um raio da lua no ultimo periodo do seu crescente; tudo enfim que está proximo a extinguirse, porém bello, puro, suave como viveu.

— Esperava por ti; não é verdade que hasde acompanhar-me hoje?

— Como sempre; disse Carlos, com voz completamente transtornada.

— D'aqui a tres dias faz annos tua mãe.

— É verdade.

— D'aqui a tres dias deves estar com ella.

— E tu, filha, queres que te deixe assim?

— Sou eu que vou deixar-te, Carlos. Não posso illudir-te, sinto que vou morrer, e dentro de poucas horas.

Isto fôra dito com uma convicção tal, que não deixava duvida possivel.

Agora o leitor dispensa-me a narração dolorosa da agonia d'este anjo, que abandonou a terra com o extremo expirar da tarde, bella como certas flores que desabrocham com a aurôra, e morrem com o crepusculo.

Quando se fallou da sua morte disseram tudo menos a verdade, como sempre.

E Carlos? Carlos vae casar-se um d'estes dias com a noiva que lhe fôra destinada, e dizem tambem todos que por paixão.

O que eu digo sinceramente é que este mundo não vale a pena de se tomar tanto a serio.

Agostô de 1856.

BULHÃO PATO.

Conservamos a orthographia do manuscrito donde extractámos a seguinte noticia, porque é tão curiosa como o proprio manuscrito.

DO QUE ACONTECEO NA ILHA DO PICO E DE S. JORGE, NO ANNO DE 1562, E DE ALGUMAS COUSAS DA DO PICO.

A 29 deste mez de Agosto de 1562 nesta villa das velhas da Ilha de S. Jorge dito, ás duas horas da noyte andadas, tremeu a terra muyto fortemente, e deu tres aballos muyto grandes que foi sentido por toda a Ilha que cuydava a gente que todos herão mortos, e foi tão grande o espanto que logo aquella noyte fizeram muitas prociçoens.

Na Ilha do Pico tremeo a terra todos os dias athe 17 de Setembro, e na mesma Ilha em hũa quinta feira tremeo a terra 24 veses, e ao dito que forão 22 do mes estando hũ padre dizendo missa tremeo tão fortemente que a gente toda ficou atemorizada. E a 2.^a feira que forão 23 de Setembro á meya noyte começaram a cahir na propria Ilha do Pico grandes rayos de fogo que parecião vir do Ceo com grande estrondo, e relampagos, e tremor da terra, e nisto estando virão correr tres ribeyros de foguo os quais naciã do Pico do Cavalleyro, e vinhão correndo a o mar para a parte da serra ventoza, e no came deste pico se abriu hũa a lagoa de fogo que o fês arrebrantar, e lançar muytas pedras para o ar muyto grandes, tamanhas como cazas, e estas pedras correm para o mar assim ardendo, e fazem no mar grande aroido, e estrondo, e vam assim ardendo pelo mar hum bom espaço, passante de um tiro de besta, estas pedras que se ajuntam assim no mar faz rocha nelle

que antre hũas e outras ribeyras se fasem bahias, e portos onde podem invernar navios pelo crescimento das pedras que vão correndo ao mar que saem arrendo deste pico.

A quarta feira 24 do dito mes depoes de vespora choveo nesta Ilha de S. Jorge pedra assim como Polvora, e durou espaço de meya hora muyta cantidade da dita pedra.

Ao sabado seguinte choveo nesta Ilha area como terra, e toda vinha sem agoa e muyta cantidade, de modo que despovoou a terra e chorava a gente que fes muyto temor, e na mesma quarta feira choveo na Ilha do Pico pedra como nozes.

A quinta seyra 26 do dito mes arrebentaram ribeyras muyto grandes de fogo temerozo espantavel que vão dar no mar com muyto estronço e fas muyto temor.

Ao sabbado á noyte se abrirão dous fogos muyto grandes na serra ventoza que parecião que hião dar nas nuvens, da mesma serra sabião duas ribeyras de fogo muyto temerozas que correm ate o mar que fazem grande medo.

A 28 de Setembro de noyte deu nesta Ilha de S. Jorge muyto grande aballo, e fazem-se grandes proçioens de dia e de noyte.

A Ilha do Pico está despovoadá que fogio toda a gente della e se acolherão a esta Ilha de S. Jorge e á Ilha do Fayal e á Ilha Terceyra de maneyra que estamos atemorizados. Este pico que assi arde com esta braveza e impeto lança dessi outras muytas ribeyras de fogo que á outo ou nove mezes corriam corenta e tantas ribeyras de fogo ao mar que todas nasciam deste pico e correram assim nesta fortaleza passante de dous annos, já agora está mais brande e comtudo ainda arde, e se vê o fogo de continuo das outras Ilhas que assim ardê Pico.

Esta Ilha do Pico é hũa das nove Ilhas dos Asores. A saber a Ilha de Santa Maria, a Ilha de S. Miguel, a Ilha 3.^a de nosso sr. Jesus X.^o que he a cidade de Angra, a Ilha de S. Jorge, a Ilha do Pico, a Ilha do Fayal, a Ilha Graciosa, a Ilha das Flores, a Ilha do Corvo; está esta Ilha do Pico ao sul da Ilha 3.^a vinte e tantas leguas, e está entre a Ilha de Sam Jorge que lhe fica ao norte, e a Ilha do Fayal que está ao sul della, e de hũas a outras serão ao mais longo seis legoas que em partes he uma legoa de hũa a outra; esta Ilha tem de comprido dezaçeis legoas, e quatro de largo, corre o comprimento della do naçente ao poente, e para a banda do naçente tem esta Ilha hũ Pico muyto alto que poucas vezes sobe tão altas as nuvens que lhe encubrão o fumo do pico, chamão a coroa do pico por ser mais agudo, e por as nuvens o não cobrirem muitas vezes assim os mareantes como os Povos das outras ilhas não vem mais que esta coroa do pico, e o mais parece Céu por andarem as nuvens, por bayxo por a fralda do Pico. Na coroa deste Pico no sumo é terra cham pouca quantidade, que pode ser hum quarto de legoa, em largura e no meyo he furado, e vay hua concavidade para baycho ao sentro da terra, ou ao mar donde se vem muytas vezes das outras Ilhas e os mariantes vem sahir lingoas de fogo e continuamente fumos.

No verão os moradores da terra e alguns coriozos que vão deste reyno vão arriba a esta coroa deste piquinho, e vão a tempo que possam tornar a dormir abaicho ás casuas dos vaquêyros, pella frieldade desta manhã que se não pode soffrer de noyte.

Ao norte deste pico nas suas fraldas está hum pico piqueno que se chama do Cavaleyro. He o pico aon-

de se poz o fogo como atraz se faz menção. E teme-se que se o fogo saltar neste pico grande segundo a sua altura e grandura que queimará estas duas Ilhas a Ilha de S. Jorge, e a Ilha do Fayal, porque elle que está no meyo e as assombra, nas fraldas deste Pico ha criaçoens de gado de toda a sorte; aproveitasse muyto pouca terra desta Ilha e se semea muyto pouco della por ser a terra muyto brava de pedras e rochas altas. Ha nella muyta fruta de espinho mais e melhor que em todas as outras Ilhas, os moradores della trazem sambareos de pelle de porco cruas com cabello por a terra ser fragoza tem esta Ilha tres villas e sete ou outo lugares.

FOGO ESPANTOSO QUE DESCEU DO CEO, CAHIU E ABRASOU A ILHA DA MADEIRA, DIA DE SANTA ANA, A 26 DE JULHO DE 1593.

Não quizera dar conta de tão dezestrado cazo, tão notavel, e espantoso, como aconteseu nesta Ilha da Madeira, a 26 dias do mes de Julho, era de 1593, dia da gloriosa Santa Ana, e passou desta maneira.

Entre as onze e dose oras da noyte veyo hum rayo do Ceo que tinha apparecido na Ilha havia quinze dias, o qual rayo deu em hua das melhores e mais ricas cazas que na cidade havia que herão de Tristão Gomes de Castro, e dentro em quatro horas se queymarão cento sincoenta, e quatro moradas de cazas, e as melhores, e mais principais, de toda a cidade, onde se queymarão mais de sinco mil paens de assucar, e muito infindo fato, e antes de soceder este fogo, ouve vinte e quatro horas de tão grandissimo fogo de calma do Ceo, ventando muito rijo vento leste, que não havia pessoa viva que dentro destas vinte e quatro horas sabisse de casa, nem abrise janela, nem se podia soffrer dentro das cazas; nem se podia nestas estar por ser o ar tão quente, que tudo era cuydarem que peresiam, e o vento era tal que parecia que queimava os olhos, couza que jamais os homens virão nestas partes. Neste tempo das vinte e quatro horas se estima a perda que deu nas vinhas em duzentos mil cruzados porque muitas ficarão vendimadas, e ficou tudo tão abrazado e de tal maneira que tomadas nas mãos as folhas se desfaziam como sinza, couza de grande admiração, e ao cabo de pouco tempo socedeu este fogo que foy tão forcozo e furiozo que não houve braço humano que o pudese aplacar, com grandes receyos de toda a Ilha se abrazar, e para maior admiração chegou o fogo ate a Fortaleza onde estavam trezentos quintais de polvora, e saltando na Fortaleza, onde nenhu remedio tinha a cidade e gente della, senão ficar tudo abrazado, e asolado prouve á Mizericordia devina que com muita prestreza se apagou, e com grande medo estivemos toda aquella noyte com muita guarda, e arteficios de agoa que se fizeram para se apagar o fogo se tornase á fortaleza, de modo que não ouve quem deixasse de despejar o fato de sua caza para muito longe do fogo, e para com mais espanto se conçiderar a ordem e modo que o fogo teve em abrazar dentro em as quatro horas o que abrazou salpicando as cazas que lhe parecia porque abrazou algunas que estavam meya legoa de outras deychando o fogo outras que ao derredor e perto estavam, que foy hua damais temeroza couza que atee aquelle tempo aconteceo, fica a Ilha de todo o ponto perdida e de tal feição que tarde se restaurará, parece castigo de pecador, e permita a Mizericordia devina q. por aqui acabe e não vá avante como merecemos.